

Coluna do Castello

O Presidente volta ao natural

O trabalho excessivo não está afetando o ânimo e a saúde do Presidente José Sarney, que, ao fim de longas jornadas de trabalho, ainda encontra disposição para comparecer a jantares ou a locais nos quais tenha oportunidade de conviver com políticos, jornalistas e outras personalidades que vivem em Brasília ou passam pela capital. Ele perdeu a rigidez que a tensão dos primeiros dias imprimia à sua face e volta ao natural, até mesmo na sua verve de bom conversador.

O Presidente continua a enfrentar dificuldades e a entrever no horizonte algumas sombras perturbadoras, mas o fato é que o balanço dos seus primeiros meses de Governo nos coloca face a uma nação descontraída, desfrutando das liberdades essenciais de um regime democrático, mais por abstenção do Governo no uso de poderes de exceção do que pelas reformas da legislação. Há juristas incumbidos da missão especial de analisar e descrever o quadro legislativo, a fim de levar ao Presidente a noção exata do que deve ser reformado para limpar a área em que travará daqui por diante sua batalha. Um desses juristas é o advogado Ferro Costa, antigo deputado federal, que compartilhou com o Sr José Sarney, da criação do grupo *bossa nova* da extinta UDN. Esse grupo, ao contrário do que se noticiou recentemente, não era de apoio a Carlos Lacerda. Muito pelo contrário. Era uma proposta esquerdizante destinada a paralisar a ascensão do governador no partido.

O Congresso ainda não aprendeu a usar suas prerrogativas e a agir com autonomia mas também com seriedade. A conjuntura é favorável ao desmonte dos grandes partidos e à formação de núcleos partidários mais homogêneos. Depois do PDS, o partido imediatamente ameaçado de um colapso é o PMDB, seja por sua divisão ideológica seja pela incompatibilidade de algumas de suas correntes com outras. Não se deve culpar o Sr Ulysses Guimarães pela desordem na Câmara nem pela possível desagregação de um partido que, sob seu comando, alcançou sua meta principal, que era a conquista do poder para democratizá-lo.

A antiga ala Unidade está se reagrupando declaradamente como força de apoio ao Presidente José Sarney para liberá-lo das pressões a que o submete a esquerda do partido. O desfecho de tal movimento sarneysista no PMDB poderá ser, depois da eleição de novembro, a constituição de um partido de centro liberal, já preconizado por

alguns políticos que mostram pouca fé na viabilidade do Partido da Frente Liberal. Esse novo partido, de maior eficácia do que um pacto que se tornou idéia fixa do Presidente, já agora estimulado pela velha democracia cristã do Governador Franco Montoro, será caldeado na campanha da Constituinte como ponto vital para congregar uma maioria que detenha aventuras ideológicas na elaboração da Constituição.

O Presidente Sarney pretende operar por um consenso da sociedade, que condicionaria a ação dos congressistas-constituintes, já que lhe parece que a Aliança Democrática não terá unidade nem força própria para definir os rumos institucionais do país. A sobrevivência da Aliança é hoje um sonho restrito, com base principalmente em Minas Gerais, que o Ministro Aureliano Chaves pretende unir já agora para a eleição de novembro. Mas o Governador Hélio Garcia disse-me que está preparado para, com candidato próprio do PMDB, enfrentar a eleição de novembro. Como se sabe, até aqui o candidato favorito é o ex-Prefeito de Belo Horizonte, Sr Maurício Campos, dos quadros do PFL.

Mas voltando ao Presidente Sarney e à operação do seu Governo nesses poucos meses, além dos ganhos políticos obtidos, deve-se registrar que houve uma redução do surto inflacionário e a manutenção das vendas externas. Ainda não há unidade, como ficou demonstrado em sucessivas reuniões no Palácio do Planalto, entre os ministros da área econômica sobre a incidência dos cortes, mas eles certamente virão para desafogar o déficit interno. As medidas anunciadas não são estimulantes para os que investem na poupança, na esperança de livrar-se da alta taxa inflacionária. A poupança vai cair ou se transferir dos atuais títulos para a compra de ouro ou de moedas fortes.

Há um sigilo sobre a política da dívida externa, mas está reiterado o compromisso de não ser ela paga com o sacrifício dos trabalhadores e da produção de bens. As querelas entre os Ministros Dorneles e Sayad, embora concentradas para efeito externo no problema do endividamento interno, envolvem as preliminares das negociações com os banqueiros internacionais.

As medidas sociais propostas até aqui foram notadamente o projeto de reforma agrária, cuja formulação gerou atritos, e o da negociação salarial, também em reexame. O Presidente está, contudo, convencido de que não foi bem entendido e assume a responsabilidade por esses erros. Falta-lhe um planejador de comunicação social e ele o está procurando. Quem for candidato que se apresente, exibindo as credenciais.

Carlos Castello Branco